



Universidade de Brasília- UnB

Instituto de Letras- IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas- LIP

A INFLUÊNCIA AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Naira Cristina Fernandes da Fonseca

Orientador: Prof. Dr. Thiago Costa Chacon

Brasília, Julho de 2015

A INFLUÊNCIA AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Naira Cristina Fernandes da Fonseca¹

RESUMO

O presente artigo tem o intuito de analisar os fatores que interferiram na formação da Língua Portuguesa falada atualmente no Brasil. Serão levadas em consideração as condições que contribuíram para as modificações advindas das influências exercidas por outros povos e pela peculiar condição de colônia de exploração que foi o Brasil.

É fato que indígenas, europeus e diversos outros povos tiveram uma importante participação no processo de formação do Português do Brasil, porém a influência africana será abordada aqui como principal expoente nesse processo, já que ainda hoje, existem fatos que comprovam essa importância como a sonoridade das palavras e algumas expressões utilizadas principalmente na culinária.

Outro importante aspecto analisado será a interação existente entre nativos e estrangeiros que contribuiu para que a língua sofresse mudanças. A fim de se entender melhor esse aspecto serão estudadas as cidades de Helvécia na Bahia e Cafundó em São Paulo, que por terem sido formadas por uma grande população de escravos africanos, guardaram traços que criaram uma hipótese de crioulização nessas regiões.

PALAVRAS-CHAVE: Influência, interação, povos africanos, crioulização.

ABSTRACT

This work aims to analyze the factors which had interfered in the formation of

¹Graduanda em Língua Portuguesa pela Universidade de Brasília. Endereço eletrônico: nairacria@gmail.com

the Portuguese language currently spoken in Brazil. It will consider the conditions that contributed for the changes arising from the influences exerted by other people and by the peculiar colonial condition, when Brazil was explored by other people.

It's a fact that native, Europeans, Arabs and many other people had an important participation in the process of the Portuguese in Brazil, but the African influence will be discussed here as a leading exponent in this process, as today, there are facts which prove this importance as the sound of words and certain expressions are used mainly in cooking.

Another important aspect will be analyzed is the interaction that had to exist between native and foreign language to suffer some changes. In order to better understand this aspect will be studied in the cities of Helvecia in Bahia and Cafundó in São Paulo, because they were formed by a large population of African slaves, they kept traces that created a hypothesis Afro-brazilian in these regions.

KEYWORDS: Influence, interaction, African people, Afro-brazilian.

INTRODUÇÃO

O Português é tido como língua oficial em oito países: Portugal, Ilha da Madeira, Brasil, Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, lembrando também dos países que não o têm como língua oficial, mas que possuem uma quantidade significativa de falantes: Macau, Goa e Timor Leste (Elia, 1989).

O que se percebe sobre trabalhos sociolinguísticos do Português é que, em consonância com a quantidade de países onde se fala o idioma, cada lugar possui diferenças quanto a pronuncia das palavras, sonoridade, uso e escolha de termos, dentre outros. A maior parte dos países em que se fala Língua Portuguesa, seja oficialmente ou não, dividem algumas características mais parecidas com o Português Europeu. Por outro lado, o Português falado no Brasil se destaca devido às influências sofridas durante o período de colonização, de maneira que existem características bem diferentes com relação ao Português Europeu.

Essas diferenças decorrem da história social do Brasil, durante o período colonial e após a independência. Além dos próprios portugueses, vários povos influenciaram na formação do Português Brasileiro, sobretudo africanos e indígenas.

Além desses, outros povos imigrantes que participaram na economia e nas trocas culturais, também influenciaram o Português Brasileiro, como italianos, alemães, japoneses etc.

Diante da intensa interação entre os povos, surgiram várias inovações na língua. Elas se deram através das relações sociais que esses povos mantiveram entre si. Isso é evidente se imaginarmos o cenário de quando os primeiros africanos escravizados chegaram ao Brasil e como eles tiveram de buscar um meio de se comunicar com portugueses e indígenas. Foi dessa necessidade de comunicação, a partir de portugueses, indígenas e africanos, que surgiram as principais inovações linguísticas do Português do Brasil.

Não se pode falar que indígenas e africanos apenas atuaram como seres passivos durante o período colonial, apesar de terem sido povos marginalizados pelas circunstâncias a que foram submetidos, tanto um povo quanto o outro, exerceu influências que tornaram a Língua Portuguesa falada no Brasil tão diferente do Português de nossos colonizadores europeus. Portugal influenciou na formação social e cultural brasileira, mas as contribuições de indígenas e africanos conferiram o caráter de Brasileiro ao Português da colônia.

Com relação mais precisamente às influências de línguas africanas, os estudiosos da Língua Portuguesa demoraram um tempo para reconhecê-las, conforme relata Yeda Pessoa de Castro (2012) em seu prefácio ao livro *A influência africana no Português do Brasil* de Renato Mendonça, publicado pela primeira vez no ano de 1933. Mendonça nos diz que mesmo que fosse perceptível que a África havia influenciado na formação do Português do Brasil, a atenção sempre foi voltada mais para as contribuições do Tupi, por exemplo. Somente em 1933 com os livros *O elemento afro-negro na Língua Portuguesa* de Jacques Raimundo e *A influência africana no Português do Brasil* de Renato Mendonça é que esse cenário começou a mudar.

Atualmente cerca de 3000 termos de origem africana são reconhecidos no Português Brasileiro; por exemplo, Yeda Pessoa de Castro compôs 1/3 de seu livro *Falares africanos na Bahia* (2005) com esses termos. Dentre os diversos campos em que aparecem palavras de origem africana, se destaca a culinária, isso porque os escravos ficavam em maior quantidade no campo e nas cozinhas. No entanto, as influências advindas da África vão além do campo lexical, chegando à fonética, semântica, morfologia e sintaxe, como demonstra Mendonça (2012).

Muito se questiona sobre o motivo pelo qual os africanos escravizados não se comunicavam em sua língua materna. Ainda há a questão sobre a formação de línguas crioulas no Brasil, ou até mesmo se o Português do Brasil passou por um processo de criouliização (Lins, 2009). De fato isso não é de fácil explicação, mas existem situações históricas que dão pistas sobre essas questões. Dentre elas, podemos mencionar a seleção negativa (Houaiss, 1995) que consistia na prática de selecionar escravos de diferentes etnias para viverem numa mesma senzala. Também há de se compreender os ciclos do tráfico negreiro e as migrações internas da população escrava no final do período de escravidão. De todo modo, em seu conjunto, essas questões contribuíram para que as línguas africanas deixassem suas marcas no Português Brasileiro, sem, contudo, ter se desenvolvido aqui uma unidade etnolinguística que separasse negros e demais falantes do Português.

1 A SOCIO-HISTÓRIA BRASILEIRA

1.1 Formação da cultura brasileira

No período colonial brasileiro, foram utilizados índios e africanos na produção e, principalmente, na lavoura. Atualmente é admitida como verdadeira a afirmação que diz que ambos influenciaram a sociedade brasileira de forma geral, o que acontece é que alguns estudiosos priorizam um em detrimento do outro.

Darcy Ribeiro, por exemplo, prioriza a influência indígena na cultura brasileira, justificando-se pela certeza de que os africanos já chegaram ao Brasil com um cenário relativamente pronto:

“Aliciado para incrementar a produção açucareira e depois mineradora, o negro comporta o contingente fundamental da mão-de-obra colonial. Neste passo, seu papel como agente cultural foi mais passivo que ativo, absorvendo a cultura adaptativa que aqui encontrou, bem como a língua do senhor e os poucos conteúdos culturais que lhe eram acessíveis.”
(RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras 2006, p102, 2ª ed.).

Para Darcy, o africano não foi um agente transformador da cultura que encontrou no território brasileiro, sua interação acontecia mais na forma passiva, eles mais eram influenciados pelo meio em que viviam do que, de fato, conseguiam modificá-lo.

Contradizendo as crenças de Darcy Ribeiro, Gilberto Freire em seu *Casa Grande e Senzala*, fala da importância do africano como agente transformador do meio e coparticipante na formação da cultura e sociedade brasileira:

“Os escravos vindos das áreas de cultura negra mais adiantada, foram um elemento ativo, criador e quase se pode acrescentar nobre na colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravos. Longe de terem sido apenas animais de tração e operários de enxada, a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora. Foram a mão direita da formação brasileira; os portugueses e os índios, a mão esquerda.”
(FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Editora Record, 1998. p 152-153).

A partir da colocação dos dois autores é possível inferir que Portugal era uma grande força atuando no Brasil, já que, como colonizadores, detinham muito poder sobre a colônia. Ainda assim, não se pode descartar a importância dos povos que atuaram ativamente no processo de criação da identidade brasileira. Indígenas e africanos foram esses povos. Não é difícil admitir que os indígenas tiveram um importante papel na formação brasileira porque esses povos já estavam aqui quando a colonização foi iniciada e foram eles os primeiros a ter contato com o colonizador europeu. Ainda assim, a participação do povo africano não deve ser descartada, já que os africanos escravizados não pegaram um cenário social formado no Brasil, pelo contrário, encontraram um Brasil em formação que ajudaram a construir, como mostra Gilberto Freire (1998).

1.2 O tráfico negroiro

Após ser estabelecida no Brasil uma colônia de exploração de Portugal, era necessário criar mecanismos para ampliação máxima dos lucros. Assim surgiu a necessidade de importar escravos, os chamados “negros da guiné”.

Portos para comercialização de escravos foram instalados na África e em vários locais da América. Nessa época surgiram várias companhias importadoras de escravos que desembarcavam suas mercadorias no Brasil e as colocavam à venda.

Estima-se que cerca de 11 milhões de africanos foram trazidos para o Brasil no período de escravidão (Silva, 2004) sendo eles homens, mulheres e crianças. Esse número aponta apenas para os escravos que chegaram vivos ao Brasil, não faz menção às vidas perdidas durante a viagem.

A partir do momento em que as companhias importadoras de escravos se fixaram no Brasil e já não precisavam mais da tutela de Portugal para importar seus escravos, era possível abastecer todo o Brasil com mão-de-obra escrava vinda da África. Com a preferência por escravos africanos, a importação de “negros da guiné” passou a ser a atividade mais lucrativa do Atlântico Sul. Isso fez com que várias personalidades fossem lançadas na sociedade e tivessem grande reconhecimento do público, pois eram as responsáveis por alavancar a economia brasileira. Grandes fortunas foram adquiridas até 1850, com a proibição do tráfico negreiro, através da importação de negros para o Brasil. O tráfico era justificado através da afirmação de que os negros saíam da África perdidos e sem Deus para morar no Brasil católico e, dessa forma, teriam a possibilidade de se converter. É importante ressaltar que os escravos não eram considerados seres humanos dotados de alma, eram vistos apenas como peças utilizadas no trabalho, exatamente por isso é que Padre Antônio Vieira fez o seguinte discurso referindo-se aos negros trazidos ao Brasil:

“Começando, pois, pelas obrigações que nascem do vosso novo e tão alto nascimento, a primeira e maior de todas é que deveis dar infinitas graças a Deus por vos ter dado conhecimento de si, e por vos ter tirado de vossas terras, onde vossos pais e vós vivíeis como gentios, e vos ter trazido a esta, onde, instruídos na fé, viveis como cristãos, e vos salveis. Fez Deus tanto caso de vós, e disto mesmo que vos digo, que mil anos antes de vir ao mundo, o mandou escrever nos seus livros, que são as Escrituras Sagradas. - Virá tempo, diz Davi, em que os etíopes - que sois vós - deixada a gentilidade e idolatria, se hão de ajoelhar diante do verdadeiro Deus: Coram illo procident Aethyopes- e que farão assim ajoelhados? Não baterão as palmas como costumam, mas, fazendo oração, levantarão as mãos ao mesmo Deus: Aethyopia praeveniet manus ejus Deo.
(VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão XIV-1633*. Sermões.Vol. V Erechim: EDELBRA, 1999).

O discurso de Padre Antônio Vieira é incoerente, já que a forma como os africanos viviam na colônia assemelhava-se ao tratamento oferecido aos animais. Durante a colonização brasileira, os indígenas que não aceitaram a conversão foram escravizados e os negros africanos, que foram trazidos para o território brasileiro com o único propósito de serem escravos, sofriam a mesma perseguição religiosa e não podiam se quer praticar sua fé. Dados como esse não servem para mostrar que a população escrava havia chegado ao Brasil em um período de estabilidade, pelo contrário, mostram que a sociedade estava em constante mudança e que, apesar de terem sofrido grandes influências da cultura que se formava no Brasil, os povos

africanos puderam contribuir para que essa cultura contasse com algumas características de origem africana.

Em 1538, Anchieta lançou mão de um censo que revelava a heterogeneidade da sociedade brasileira da época. Analisando as cidades de Bahia, Pernambuco, São Vicente, Rio de Janeiro, Espírito Santo, Porto Seguro, Ilhéus e Itamaracá, concluiu que havia 24.700 brancos, 14.100 negros e 18.500 índios compondo a população brasileira. Essa informação foi muito pertinente para os linguistas e historiadores que buscavam entender a socio-história brasileira. A tabela abaixo sintetiza de forma mais direta a participação quantitativa de negros africanos na sociedade brasileira desde o primeiro até o último ciclo do período de escravidão.

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1850-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	-	20%	21%	19%	13%
Mulatos	-	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	-	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Tabela 1: Participação quantitativa de negros africanos no Brasil

Fonte: Mussa, 1991:163 (citado por Silva, 2004).

A tabela mostra que durante a entrada dos primeiros escravos africanos no Brasil não há registro de nenhum negro originalmente brasileiro porque todos eram trazidos da África, mas a quantidade de europeus residindo no Brasil perfazia 30% da população. O contraste é enorme se for analisado o período de 1701-1800, no qual o total de negros brasileiros chega ao ápice de 21%, contra 20% vindos da África. Já no último ciclo 1850-1890, a quantidade de africanos cai para apenas 2%, enquanto que o número de negros brasileiros chegava a 13%. Um dado que chama atenção é o número de mulatos nesse último ciclo que é de 42%, essa informação mostra a mistura entre culturas no período colonial, é possível inferir que, da mesma forma como as raças fundiam-se, as línguas também se influenciavam e as mudanças aconteciam.

1.3 Mobilidade populacional no período da prática escravista

Segundo Rosa Virginia (2004), “o Português se generalizou na amplidão do território do Brasil pela “voz” dos africanos e afrodescendentes”. Quando o tráfico foi considerado crime, a chegada de novos africanos teve uma menor expressividade até que se extinguiu. O fenômeno que pôde ser observado a partir da ilegalidade do tráfico negreiro foi uma reorganização interna da população negra.

A mobilidade de escravos durante o período colonial brasileiro é uma realidade que, de certa forma, explica as influências exercidas pelos dialetos africanos, com maior ou menor expressividade, em determinadas regiões brasileiras. Nos locais com maior população negra e menor população branca era esperado que as línguas africanas tivessem uma maior presença na variedade em questão. O que se percebe é que, apesar de que o tráfico foi criminalizado, a exploração de africanos continuou a existir por um longo período e as influências exercidas por esses escravos, como força modificadora da sociedade a qual foram inseridos, também continuou existindo.

O percurso geográfico feito pelos escravos aconteceu da seguinte forma (Silva, 2004): no séc. XVI e XVII estavam concentrados nas lavouras de cana-de-açúcar nas capitânicas do litoral de Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro; no séc. XVII e XVIII, grande parte transitou para as áreas de mineração do ouro e de diamantes nos interiores paulistas, no Centro e Centro-oeste do Brasil; no séc. XVIII para o XIX, boa parte voltou para o litoral do Rio de Janeiro e de São Paulo, graças ao enfraquecimento da mineração, nesse ponto ocorreu um novo impulso no ramo do açúcar. No séc. XIX concentravam-se no Vale do rio Paraíba do Sul, em áreas paulistas, do Rio e de Minas Gerais, locais em que se explorou o café. Seguem seus senhores para o Maranhão (colheita do algodão e fumo) e também para Amazônia (exploração de especiarias).

A partir de 1821, iniciou-se no Brasil o processo de independência, que se estendeu até meados de 1825. Nesse período, a quantidade de escravos africanos ainda era muito grande no país, o quadro a seguir sintetiza de forma clara a quantidade de africanos que habitavam o país no período pré-independência e mostra as disparidades quanto aos números de cada região.

Regiões	1819/ população escrava
Norte	27.3%
Nordeste	33.0%
Leste	28.1%
Sul	28.9%
Centro-oeste	40.7%
Média	30.0%

Quadro 1: População escrava por região brasileira
Fonte: Mattoso 1990: 65 (citado por Silva, 2004)

O quadro mostra que, apesar de a quantidade de escravos não ser homogênea, em todas as regiões é possível perceber uma quantidade considerável de escravos, principalmente na região Centro- oeste, na qual a população escrava chegava a quase 41%.

Partindo do princípio que, apesar de terem encontrado um cenário com um determinado grau de formação, os africanos escravizados também atuaram de forma contundente no processo de formação do Português falado no Brasil, a inserção de características pertencentes às línguas africanas pode ter ocorrido inicialmente pelo contato entre os povos. Entende-se também que, se o contato possibilitou a troca entre uma e outra cultura, a difusão das aquisições que tiveram procedência nessas trocas ocorreu pela intensa mobilidade que aconteceu durante e após a entrada de escravos africanos no Brasil.

2 A PRESENÇA AFRICANA NA FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

2.1 Diversidade linguística no continente africano

Renato Mendonça (2012) descreveu as características linguísticas do continente africano. Segundo ele, o continente africano engloba quatro grupos etnolinguísticos, isso tornou possível que cerca de 2000 línguas fossem faladas na África. As línguas Afroasiáticas, da África do Norte, abarcam cinco subgrupos linguísticos: semítico, cuxítico, chádico, berbere e egípcio antigo. Esses subgrupos correspondem ao árabe e às línguas etíopes, à Somália, ao Hauçá no noroeste da Nigéria, ao Maghreb e aos territórios do Nilo, respectivamente.

O segundo grupo é o das línguas de clique que ficam concentradas no deserto do Kalahari. Essas línguas são oriundas dos povos de Khoi e San, vem daí

o nome Khoisan. O terceiro grupo, da África Nilo-Saariana, compreende as línguas nilóticas do sul do Sudão e do Saara e, por fim, o quarto grupo, o Níger-Congo, abriga a maior família linguística, com aproximadamente 1500 línguas.

Dentro do grande grupo Níger-Congo está o banto, abaixo da linha do Equador (parte do oeste africano) na parte que vai do Senegal à Nigéria. Na região do Golfo do Benin, estão as chamadas línguas sudanesas. Dentre as línguas sudanesas destacam-se os Jejes e o Iorubá falado na Nigéria Ocidental e em parte de Ketu onde é conhecida como Nagô.

Desses dialetos, alguns autores afirmam que o nagô ou iorubá foram as principais línguas adotadas como gerais no território da Bahia, enquanto que o Quimbundo tinha mais força no Rio de Janeiro e em Minas Gerais.

2.2 A inserção de línguas africanas no Brasil

No período inicial da colonização brasileira, o cenário encontrado pelos colonizadores foi de cerca de 350 línguas indígenas agrupadas nos troncos Tupi e Macro-jê (Assis, 2011). Com o avanço da interação entre o colonizador e a colônia, uma mistura foi ocorrendo entre o Português de Portugal, os dialetos indígenas e os idiomas falados pelos imigrantes. Castro (1991) afirma que a população brasileira da época não era monolíngue, pelo contrário, havia línguas indígenas, europeias e vestígios de dialetos crioulos.

No período de importação de escravos, cerca de 200 a 300 línguas africanas foram introduzidas no Brasil (Mendonça, 2012). Essas línguas foram provenientes de duas grandes áreas, a primeira área foi a oeste-africana, caracterizada pelo maior número de línguas (fulfuldé, wolof, serei, temre, mande, kwa ou ghe, benuê-congo), a segunda foi a área banto, limitada à costa oeste africana (atuais Congo, Zaire e Angola) e só mais tarde à costa leste (Moçambique).

Quando um escravo era trazido para o Brasil, ele precisava aprender rudimentarmente o Português porque, como os escravos não pertenciam às mesmas etnias, a comunicação precisava acontecer de alguma forma. Sendo assim, era necessário o aprendizado de um código em comum, no caso, a Língua Portuguesa. Apesar de aprenderem o Português, os escravos não tinham acesso à escolarização e, por isso, aprendiam apenas o suficiente para se comunicar e cumprir ordens.

Alguns autores se questionam sobre o motivo pelo qual não houve um dialeto africano no Brasil e as respostas não são fáceis na tentativa de explicar os motivos, mas existem fatos que contribuíram para essa não existência. O fato das etnias serem separadas durante a venda dos escravos impossibilitava a sobrevivência de um falar totalmente africano no Brasil, pois as características provenientes dos diferentes locais da África não tinham força suficiente para que pudessem se sobrepor ao Português falado na colônia. Isso porque não havia quantidades significativas de falantes de um mesmo dialeto africano convivendo juntos. É possível que esse seja um fator que colaborou para a impossibilidade de difusão de um dialeto completamente africano no período colonial brasileiro, mas não se pode dizer que foi o único ou o principal.

Apesar da impossibilidade de que houvesse um falar inteiramente africano no Brasil, em alguns lugares o Português teve maiores características advindas das línguas africanas. Esse fenômeno se deve à grande quantidade de africanos que habitavam tais locais e ao pequeno contato que tinham com a língua dos brancos, principalmente em escolas. Ao mesmo tempo, também é evidente que ocorreram processos de maior simplificação da morfologia e sintaxe do Português, os quais são tipicamente atribuídos ao substrato de povos africanos (Lucchesi, Baxter, Ribeiro, 2009).

2.3 O contra peso do Português Padrão

Boris Fausto (1994) descreveu a situação da população brasileira no período colonial e pós-colonial como um “abismo”, o historiador usa esse termo para descrever a enorme disparidade existente entre a elite que tinha acesso à educação e a enorme massa analfabeta ou semianalfabeta da população brasileira. A tabela abaixo ilustra a quantidade da população que era escolarizada, segundo dados de Ilza Ribeiro (1999):

	Censo de 1872	1890 a 1920
População escolarizada	16,8%	25%
Ensino secundário	0,3%	20%
Ensino superior	0,2%	10%

Tabela 2: População brasileira escolarizada

Na segunda metade do século XVIII, com as leis pombalinas, o Português passou a ser a língua oficial brasileira e isso fez com que o idioma comencesse a ser ensinado obrigatoriamente nas escolas. Nesse período, também, ocorreu a retirada da supremacia do ensino da mão dos jesuítas e foi instalada a primeira rede oficial de ensino leiga.

O crescimento da escolarização no século XIX foi responsável por possibilitar o crescimento da norma Padrão do Português luso, mas certos fatores contribuíram para que isso fosse possível. Com a abolição da escravatura que se seguiu, os negros, que antes não tinham acesso à educação, tiveram a oportunidade de ingressar em escolas. Isso não quer dizer que toda a população negra começou a estudar, significa apenas que, pela lei, eles não estavam proibidos de receber instrução. O censo de 1872 mostrou que 99,9% da população negra era analfabeta, isso significava que toda essa quantidade de pessoas havia se tornado escolarizável.

Com essas mudanças que foram acontecendo, aos poucos o Português foi se alastrando pelo território brasileiro. O grau de instrução foi um fator determinante para que o Português falado na colônia fosse mais ou menos uma reprodução do Português luso, o que é fato é que o abismo existente entre pessoas letradas e analfabetas não deixou de existir por completo com a lei pombalina ou com a expulsão dos jesuítas das escolas.

2.4 Contribuições africanas no Português do Brasil

Na formação do Português falado no Brasil, as línguas africanas ofereceram grandes contribuições que, ainda hoje, podem ser observadas no falar do brasileiro. Essas contribuições estão presentes não só no âmbito lexical, mas também no campo fonético e morfossintático. A partir das análises feitas por estudiosos como Renato Mendonça e Dante Lucchesi, por exemplo, é possível observarmos algumas das características mais marcantes no Português Brasileiro que são atribuídas à influência africana.

Durante a observação das características atribuídas à África que estão presentes no Português do Brasil, o Português falado em outras regiões que receberam influência de línguas africanas, sobretudo as línguas crioulas de base portuguesa, é muito importante. Dessa forma, o motivo pelo qual é levantada a

hipótese de que essas influências realmente tenham sido incorporadas ao Português do Brasil advindas de línguas africanas torna-se mais claro, já que a comparação entre essas línguas e o Português do Brasil mostra as características que são comuns a eles.

No campo da fonética, são descritos por Mendonça (2012) os fenômenos de vocalização, assimilação, dissimilação, aférese, apócope, metátase, rotacismo, suarabacti e redução.

Vocalização: o fonema linguopalatal /ɫ/ (representado pelo grafema <lh> é transformado na semivogal <i>). mulher > muié

Esse fenômeno também pode ser visto em alguns dialetos crioulos:

melhor>meior (cabo-verdiano: lh/i)

filha>fiia (guineense: lh/i)

folha> foia (Ilha de São Tomé: lh/i)

orelha> uriá (Ilha do Príncipe: síncope do lh)

Assimilação: o fonema /ʒ/ (representado pelos grafemas <j> e <g> antes de <i> e <e>) dá lugar à sibilante /z/.

Jesus> Zezús

José> Zozé

Genebra> Zinébra

Registro> Rezisto

Dissimilação: ocorre em grupos consonânticos de difícil elocução.

Negro> nego

Alegre> alegue

Aférese: caracterizadas pela síncope das sílabas iniciais das palavras.

Estar > tá

Você > ocê ou cê

Acabar > cabá

Sebastião > Bastião > tião

Apócope: sempre aparece em <l> e <r> finais.

General > generá

Cafezal > cafezá

Mel > mé

Esquecer > esquecê

Artur > Artú

Em alguns dialetos crioulos da África também aparece a queda do <r> final
Chegar > chegá (cabo-verdiano)

Colher > *cuié* (São Tomé – às vezes é utilizado o apoio do *i*: flor > *florí*¹)

Vender > vendê (Ilha do Príncipe)

Matar > matá (Ilha de Ano Bom- às vezes recebe um [e] de apoio: *miere* ou alterna com *i*: Senhor > *chíol*)

Metátase: era comum que os negros fizessem uma transposição do <e> da sílaba es para se.

Escuta > secuta

Um fenômeno semelhante ocorre com as palavras portuguesas iniciadas por es ao serem incorporadas ao dialeto do cafre.

Escova > sikova

Escola > sicora

Espada > supada

Espoleta > supoleta

Rotacismo: substituição da fricativa glotal desvozeada /h/ (representada pelo grafema <r>) pelo /l/ palatal ou pelo seu abrandamento. (ocorreu devido à inexistência do /h/ nas línguas bantu).

Rapaz > lapassi

Carro > calo

Suarabacti: eliminação de encontros consonantais

Cláudio > Culáudio

Clemente > Quelemente

Flor > fulô

Processo semelhante ocorre com os grupos consonânticos entre os angolenses que falam o Quimbundo.

Rodolfo > Rodolofo

Cristóvão > Kirisobo

Cristina > Kirixina

Redução: redução popular dos ditongos <ei> e <ou>

Cheiro > *chêro*

¹ epítese, também encontrado em certas variedades do Português Brasileiro, como: vez > veizi; mês > meizi.

Peixe> pêxe

Pouco> pôco

Outro > ôtro ou Oto

O /S/ que surgiria da junção das palavras na frase perde o caráter de prostético e se junta à palavra.

Os olhos> os óio> u zóio (surgimento da palavra zóio).

Na morfossintaxe as contribuições são menores do que as encontradas na fonética, porém certas características são atribuídas à influência africana. A invariabilidade do substantivo em alguns casos de formação de plural em variantes do Português Brasileiro, falado inicialmente por caipiras, é uma das características mais marcantes no campo morfossintático. O interessante é que, apesar de ser uma característica de uma variante desprestigiada, essa ausência de variação em número do substantivo tem sido encontrada em grande parte dos falares brasileiros, mesmo nas cidades, como aponta Mendonça (2012).

As casas> as casa

Os caminhos> os caminho

Aquelas horas> aquelas hora

Isso acontece também com os predicativos.

As crianças *estavum quetu*.

As criação *ficarum pestiadu*.

A colocação pronominal é outra área cogitada como tendo interferência de línguas africanas. O uso do clítico acusativo de terceira pessoa em forma nominativa com função acusativa é tido como uma dessas características.

Segura a velha que se me dá de chicote eu mato *ela* ! (TEIXEIRA Mendes, 1984: 63, *apud* Chavagne, 2005: 229)

Eu a vi> eu vi ela

Eu o fechei> eu fechei ele (construções possíveis no Português falado no Brasil)

No Português Brasileiro pode ser observada uma tendência cada vez maior de preenchimento do sujeito pronominal. Lucchesi, Baxter, Ribeiro (2009) mostra que essa tendência está diretamente ligada ao enfraquecimento do paradigma de flexão do verbo em número e pessoa. Assim, quanto menor a flexão atribuída ao verbo, maior a tendência de preenchimento do sujeito.

João estudou muito, mas ele não foi aprovado no exame. (o pronome *ele* retoma o sujeito *João*).

Outra característica está na invariabilidade em gênero e número do pronome pessoal *e/le* no interior de São Paulo. Como não apresenta variação em número, a indicação do plural é feita através do artigo definido *os*, e, dessa forma, o pronome definido aparece após o artigo.

Os ele> osêle

zele fôro zimbora (falar caipira do interior de São Paulo)

Ainda em São Paulo, o gerúndio perde o fonema /d/ nas desinências.

Andando> *andano*

Fazendo> *fazeno*

Comendo> *comeno*

No Distrito Federal percebe-se a substituição da forma verbal *am* na terceira pessoa do plural pelo átono /o/.

Amaram > *amaro*

Fizeram > *fizero*

Disseram > *dissero*

O âmbito lexical, apesar de não ser o único a ter recebido influências africanas, possui uma maior concentração dessas características.

Podem ser observadas grandes influências principalmente nas variantes utilizadas no interior e na linguagem infantil: *angu-carço*, *angu-de-negro*, *banzé-de-cuia*, *bodum-azedo*, *azeite-de-dendê*, *dendê-de-cheiro*, *cacá*, *pipi*, *bumbum*, *neném*, *tatá*, *papato*, *lili*, *mimi*, *cocô*, *dindinho*, *bimbinha*.

Vários verbos de primeira conjugação são oriundos de dialetos africanos: *xingar*, *mandingar*, *zangar*, *bongar*, *carimbar*, *catingar*, *banzar*, *sambar*, *curiar*, *maxixar*, *cochilar*, *candongar*, *enquisilar*, *aquilombar*.

Além dos verbos, podem ser encontradas diversas palavras de origem africana no português:

BANGUELA 1: sm.: nome de um povo negro embarcado em Benguela. Há também a forma *benguela*.

BANGUELA 2: adj.: pessoa sem os dentes da frente. ETIM.: provém do costume dos *banguelas* que Arrancavam os dentes da frente em criança.

BATUQUE: sm.: dança com sapateados e palmas. ETIM.: termo africano do landim *batchuque*, *tambor*, *baile* e nada tem que ver com o verbo *bater* (Dalgado). ABON.: "Há anos em P. Alegre, para os lados da Azenha, havia um *batuque* de grande

nomeada como ‘farmácia’ de excelentes remédios em questão de amor” (H. De Irajá, 1932, p. 33).

CAÇULA 1: sm.: o filho mais moço. ETIM.: do quimbundo kazuli, o último da família. Ar. geogr. : termo geral no Brasil. ABON.: “Havia um homem que tinha três filhos: João, o mais velho, o outro Manuel e o caçula José” (S. Romero, Contos, p. 124).

CAFUNÉ : sm.: estalidos com o polegar no alto da cabeça.

ETIM.: Prende-se ao quimbundo kufundu, cravar, enterrar.

CANDANGO: sm.: nome com que os negros designavam o português. ETIM.: M. Soares diz ser quimbundo. No reino da Jinga, os portugueses chamam-se kangundu.

CANJICA: sf.: papa de milho verde. ETIM.: não nos Parece africano como pensavam Carlos Pereira (Gram. Hist., p. 244) e M. Maciel (p. 244). Podemos acrescentar que, em pesquisas posteriores, encontramos na obra de Richard F. Burton, *The Highlands of Brazil*, 1869, I, p. 89, a origem asiática: “Canjica é a forma diminutiva de canja, uma palavra em que os Anglo-Indianos dificilmente reconheceriam a velha forma familiar congee ou caldo de arroz”.

COCHILAR: v. intr.: cabecear com sono. ETIM.: do quimbundo koxila, dormir (Pereira do Nascimento, *Dicionário Português Kimbundo*). João Ribeiro apontou esta origem em *A língua nacional*, 2ª ed., 1933, p. 248. ABON.:

“Mas como eu, precisando de descanso, Já cochilava, e tão de manso e manso, Batestes, não fui logo, prestemente, Certificar-me que aí estais”¹⁶⁵.

DENGOSO: ad.: cheio de dengue. ETIM.: derivado de dengue. ABON.: “Lúcia encostou-se à secretária, d’olhos baixos, resmungando em tom dengoso” (Idem, p. 65).

ENGAMBELAR: v. intr.: seduzir, agradar para enganar. ETIM. : talvez provenha de ngimbelar, ação e prática do ngombo, adivinho, feiticeiro em quimbundo. Existe a variante engabelar (João Ribeiro, R. L. P., IV, 1920, p. 52).

EXU: sm.: diabo, espírito maligno na macumba. ETIM.: do ioruba exu, o espírito do mal.

FUBÁ: sm.: farinha de milho ou de arroz. ETIM.: do quimbundo fubá, farinha, com acutização (Chatelain, *Folk-Tales of Angola*, p. 288).

INHAME: sm.: nome de um tubérculo comido sob a forma de farinha, planta asparagácea. ETIM.: termo africano proveniente da raiz nyame, comer, existente em todas as línguas bantu (Meinhof, *Introduction*). O nome tupi é cará.

MACUMBA 1: sf.: feitiçaria, candomblé. ETIM.: termo africano. Há também o adj. macumbeiro. Ar. geog .: Rio de Janeiro. ABON.: “E assim tem ‘siá’ Florência uma infundável coleção de receitas dessa magia sinistra das macumbas” (H. de Irajá, 1932, p. 170). MACUMBA 2: sf.: instrumento musical dos negros. ABON .: “... produzindo esta mudança de efeito o rolar surdo das caixas de guerra, o som de rapa das macumbas em grande número...” (M. M. Filho, p. 370).

MARIBONDO: sm.: inseto, vespa. ETIM.: do quimbundo ma, prefixo plural da quarta classe + rimbondo, vespa, que deu diretamente a forma popular marimbondo, de que maribindo já é uma alteração culta.

MOLEQUE: sm.: menino, rapazote entre os negros. ETIM.: do abundo muleque, menino. O feminino moleca tem a mesma origem muleka. Há em português os derivados molecada, bando de moleques, e molecagem, ato de moleque. Em Pernambuco e Alagoas se usa um bolo comprido e achatado conhecido por “pé de moleque”.

QUITANDA: sf.: venda de verduras, frutas e outros vegetais comestíveis. ETIM.: do quimbundo kitanda, feira, nome da terceira classe, como indica o prefixo ki.

QUITUTE: sm.: iguaria de apurado sabor. ETIM.: do quimbundo kitútu, indigestão. Naturalmente um bom prato é repetido imprudentemente, o que produz às vezes uma indigestão...

Existe uma especulação sobre a veracidade da atribuição dada à África sobre certas características encontradas no Português do Brasil. A discussão gira em torno das mudanças naturais ocorridas na língua e até que ponto características como o sujeito nulo, a invariabilidade do substantivo ou mesmo o empobrecimento na flexão do verbo podem ser considerados características advindas de dialetos crioulos, já que poderiam ser enquadradas como evolução natural da língua.

Diante dessas especulações, surgiram correntes que tentavam explicar o que teria, de fato, ocorrido para que o Português Brasileiro tivesse as características que tem hoje. Dentre todas as explicações destacam-se a hipótese da criouliização prévia, a hipótese da transmissão linguística irregular e a hipótese da deriva secular e a confluência de motivos. A primeira consistiria em uma criouliização com posterior descriouliização. As explicações para a possibilidade de existência dessa hipótese giram em torno de características que o Português Popular Brasileiro divide com algumas línguas crioulas. “na morfologia, redução de vários tipos, perda de

pronomes átonos; na sintaxe, falta de concordância; na fonologia, redução de codas” (GUY, 2005, p. 22 apud LINS, 2009, p. 276).

A transmissão linguística irregular diz respeito à possibilidade de que o contato entre o Português Europeu com as línguas africanas tenha feito com que surgisse uma variedade da Língua Portuguesa. Por fim, a deriva secular e a confluência de motivos trabalha com uma linha de pesquisa que acredita que o Português Brasileiro é fruto de um percurso histórico da língua. “O Português Brasileiro é, na verdade, uma espécie de continuação do Português arcaico, “com pequenas alterações”, haja vista não se ter conseguido até hoje “identificar nenhuma característica do Português do Brasil que não tenha um ancestral claro em Portugal” (NARO e SCHERE 2007, p. 13 apud LINS, 2009, p.284).

As três hipóteses tentam explicar, com bons argumentos, o que teria acontecido para que o Português do Brasil tenha características diferenciadas do Português Europeu, de qualquer forma, as características que serão estudadas aqui, a fim de explicar as diferenças entre Português Brasileiro e Português Europeu, são as influências de origem africana.

3 AS COMUNIDADES DE FALA E A HIPÓTESE DE CRIOLIZAÇÃO

3.1 A comunidade de fala de Helvécia- BA

A vila de Helvécia foi originada da antiga Colônia Leopoldina. Essa colônia suíço-alemã foi estabelecida em 1818 e dependia da mão de obra escrava para o cultivo do café.

Os africanos escravizados trazidos para a colônia Leopoldina e que, sequencialmente, passaram a habitar em Helvécia, são originários dos grupos etnolinguísticos: monjolo, nagô, gêge, cabinda, Moçambique e benguela (LUCHESE, BAXTER, RIBEIRO, 2009, p.86). Desses grupos etnolinguísticos, é provável que pelo menos três línguas fossem faladas nas senzalas: nagô, congo e benguela.

Helvécia está localizada no Município de Nova Viçosa-BA e tem sua economia voltada para agricultura, pecuária e indústria de celulose. Segundo Lucchesi (2009), em 1996 a população de Helvécia tinha um total de 16.474 habitantes, sendo que 15.108 viviam na zona rural e apenas 1.366 constituíam a população da vila. Cerca de 54% da população maior de 5 anos em Helvécia era

alfabetizada no ano de 1996, mas esse número caía para 22% dos que possuíam 60 anos ou mais.

O primeiro estudo feito em Helvécia datou do ano de 1961 e foi realizado pela pesquisadora Carlota Ferreira. Ainda que possuísse recursos limitados, ela conseguiu reunir algumas informações que indicavam um possível processo de criouliização ou semi-criouliização que poderia ter ocorrido em Helvécia em um determinado período. O que chamou atenção foi que as características marcantes e decisivas para dar credibilidade à hipótese de criouliização eram encontradas com mais força na fala dos mais velhos e eram consideradas estranhas até para os falantes nativos mais jovens. Dentre as características encontradas a pesquisadora numerou as seguintes:

-uso variável do artigo definido

Ex.: "quando abri janela"

-variação na concordância de gênero, tanto no interior do SN quanto na relação com um termo predicativo:

Ex.: "io ñ póde rumá o casa"

"ela é muito saído"

-simplificação da morfologia flexional do verbo: variação na flexão número-pessoal que atinge a primeira pessoa do singular:

Ex.: "io sabe"; "io esqueceu"

-uso da forma do presente pela forma do pretérito do indicativo:

Ex.: "io ñ póde rumá o casa" ('eu não podia arrumar a casa')

- uso da forma do infinitivo em contextos de formas finitas:

Ex.: "io conhecê" por 'eu conheço'; "ele morê" por 'ele morreu'; e "quando io andá na Ponta de Areia, ñ tinha nada" ('quando eu andava em Ponta de Areia, não havia nada lá').

O segundo estudo feito em 1994 por Alan Baxter e Dante Lucchesi, mostrou que algumas mudanças haviam ocorrido na fala nos nativos e as características mais marcantes da possível criouliização tinham uma força muito menor do que mostravam os dados coletados por Carlota Ferreira em 1961. Os pesquisadores observaram que quanto mais jovem era o falante, menos traços de criouliização estavam presentes em sua fala. Apesar disso, algumas características descritas por Lucchesi ainda existiam em Helvécia, as mais marcantes são:

-Na estrutura do SN

uso variável do artigo definido:

"eu sô fia de lugá"

'eu sou filha do/deste lugar'

-Na morfologia verbal

o uso de formas do presente utilizadas para expressar ações e estados que ocorreram no passado:

A véia Veronca nã é mãe dela non.

'a velha Verônica não era mãe dela'

Quando chega lá, eles nã queria que eu sai nã.

'quando cheguei lá, eles não queriam que eu saísse'

Quando eu veio logo, ele já toma.

'quando eu vim, ele tomou [aquilo] logo'

o uso de formas aparentemente finitas em contexto de formas do infinitivo, como em (i), e vice-versa, como em (ii):

Ele não pode vai lá não.

'ele não pode ir lá'

Eu comê só uma vez

'eu comi só uma vez'

-redução da concordância verbal que atinge todas as pessoas do verbo, inclusive a primeira pessoa do singular:

Eu vai planejano assim mehmo.

'eu vou planejando assim mesmo'

-variação relativa à presença do verbo copulativo:

Esse aí Ø neto de Casimiro.

'esse aí é neto de Casimiro'

-Nas relações sintagmáticas e oracionais

variação no emprego de preposições:

Meu amigo, eu num vou dizê o senhô que não.

'meu amigo, eu não vou dizer ao senhor que não".'

Eu tenho direito distraí um pouco.

'eu tenho o direito de me distrair um pouco'

-variação no emprego de complementizadores:

Inda finado queria eu vai.

'o finado ainda queria que eu fosse'

A pessoa num subé cuzinhá uma carne tá ruim.

'a pessoa que não souber cozinhar uma carne está ruim'

O que é de consenso entre Ferreira e Lucchesi é que Helvécia possuía um falar diferenciado do resto do Brasil por vários motivos. Dentre eles, as características dos povos que deram origem à Helvécia são muito importantes, já que a quantidade de negros era muito superior à de brancos. Outro fator importante era a qualidade do Português ensinado aos escravos, pois, os senhores donos de escravos não falavam o Português como língua materna, os escravos tinham mais contato com o Português através dos feitores ou de outros trabalhadores das fazendas. O pouco contato que a região tinha com as demais localidades da colônia também contribuiu para que prevalecessem mais características crioulas.

Lucchesi concluiu em sua pesquisa que é provável que tenha existido um idioma crioulo em Helvécia, mas que a descrioulização tenha acontecido de forma rápida, em cerca de duas gerações (2009, p.91).

A escolarização pode ter sido um fator determinante para que essa descrioulização fosse acontecendo. Outro ponto que culminou para esse acontecimento pode ter sido a interação entre os nativos de Helvécia com os povos das demais localidades, pois, com a socialização entre esses povos, era esperado que a fala de ambos se tornasse mais homogênea.

Apesar de não haver hoje dados suficientes para se afirmar sobre a existência de um idioma crioulo, Lucchesi mostra que, ainda que tenha havido um idioma crioulo ou semi-crioulo em Helvécia, ele não sobreviveu muito tempo no falar os habitantes devido a todos os fatores que já foram mencionados. Essa constatação pode ser observada também como uma possível explicação para o não surgimento de um idioma crioulo no Brasil.

3.2 A comunidade de Cafundó- SP

Cafundó é uma comunidade afro-brasileira situada em Salto de Pira Pora, um bairro rural localizado a 150 km de São Paulo. Durante aproximadamente duas décadas (1970-1980) Cafundó foi alvo de várias pesquisas linguísticas que tentavam entender os mecanismos que contribuíram para o surgimento da linguagem adotada pelos seus falantes, principalmente os mais velhos. Porém, Petter (1999) mostra em

seus trabalhos que a linguagem de Cafundó se aproxima muito de um falar caipira e incorpora um léxico de origem banto à estrutura sintática do Português.

Ao longo de seu trabalho, Petter fala sobre um uso ritual do dialeto de Cafundó, já que esse uso possibilitaria a afirmação de uma identidade africana. Outra característica do dialeto de Cafundó é que os falantes nativos usam uma variante do Português para se comunicar com pessoas de fora da comunidade. Entre nativos o dialeto usado é cupópia, mas esse uso não abrange pessoas de outras localidades.

Petter descreve que a falta de um léxico rico faz com que aconteçam construções perifrásticas na tentativa de suprir a falta de palavras específicas para descrever determinadas coisas. Nos exemplos abaixo é possível constatar uma tendência de construções por justaposição (p 107):

- nangá do viço: óculos (roupa dos olhos)
- sângi do tec que vareia o mafingue: morcego (ave da noite que come sangue)
- injó: casa
- injó do varia: cozinha (casa da comida)
- injó da marrupa: dormitório (casa do sono)
- injó de cupópia e coçumbá a cupópia: sala (casa de conversar e ouvir conversa)

Outros exemplos são trazidos também para mostrar como é feita a construção do plural, o uso do artigo definido, a indicação de gênero, os verbos e as construções negativas.

O acréscimo de -s ao artigo, primeiro elemento do sintagma nominal, e o uso da palavra “vavuro” antes dos nomes indicam o plural:

- Ostata cuendano quilombo vavuro no túri dos tata vimbundo.
- 'Os homens (estão) indo muito longe na terra dos homens pretos.'
- Vavuro tata e vavuro anguta cuendano.
- 'Muito homem e muita mulher chegando.'

O artigo definido só é obrigatório quando funciona como indicador de pluralidade:

- Camanaco cuendô vava nonboto.
- 'O menino tomou banho' ('levou água no corpo)
- Os tata nãni na mucanda.
- 'Os homens fracos de instrução: analfabetos.'

O gênero é indicado pela variação do artigo:

- As vimbundo jcorotoco cuendô para cogengà carunga.

'As (mulheres) pretas velhas foram para o cemitério, buraco.'

O cupópia possui 15 verbos em seu léxico, esses verbos possuem a terminação da primeira conjugação do Português popular “a” no infinitivo e variam em três formas pessoais:

Cuendar: chegar, pôr no presente do indicativo:

cuendo: 1ª pessoa do singular;

cuenda: 2ª e 3ª pessoa do singular e do plural;

cuendamo: 1ª pessoa do plural.

A negação é feita através do uso da palavra “nâni” após o verbo:

-Viço da angula caçamba nâni.

'O olho da mulher vê (capta) nada', ('a mulher é cega').

Através dos dados analisados constatou-se que Cafundó não tem hoje um dialeto crioulo, já que se trata de um substrato (léxico) de origem africana e um superstrato (estrutura sintática) do Português. Essa característica de Cafundó contraria o que se entende por dialeto crioulo: uma língua de vocabulário europeu e gramática africana (Couto 1992: 71 apud Petter 1999:109).

O cupópia também não pode ser considerado um anti-crioulo, apenas um pequeno grupo da comunidade faz uso desse dialeto. Ainda assim, a aproximação com os dialetos urbanos sugere um processo de descrioulização. Isso mostra que o crioulo é uma denominação histórica e que descreve um período vivido no desenvolvimento de uma língua que ainda está em curso Petter (1999). Até pode ser que em algum momento o cupópia tenha sido um crioulo, mas os dados atuais não são suficientes para fazer essa afirmação.

CONCLUSÃO

A abordagem adotada aqui teve o intuito de mostrar a importância que os povos africanos tiveram na formação da Língua Portuguesa falada no Brasil. Essa importância pode ser comprovada através das observações que foram feitas das características que diferem entre o Português falado em Portugal e no Brasil.

Ao se estabelecer no Brasil, Portugal fez com que houvesse uma imposição cultural sobre os povos indígenas que habitavam esse território. Ainda assim, a

cultura brasileira não seguiu completamente os preceitos de Portugal, isso porque os povos indígenas e africanos influenciaram na criação de uma identidade brasileira.

Segundo Assis (2011) Portugal encontrou um cenário de dominância de línguas indígenas durante seu estabelecimento no Brasil, mas com a comercialização de escravos, a quantidade de línguas e dialetos falados pelo povo se tornou muito grande. Isso fez com que o Português falado no Brasil fosse modificado e ganhasse o caráter de brasileiro.

O que se percebe hoje, é que, apesar de ambos serem considerados Língua Portuguesa, o Português falado no Brasil não é uma mera reprodução do idioma imposto por nossos colonizadores lusos, mas é uma língua estruturada com características que podem ser explicadas através da história brasileira.

Durante muito tempo houve uma especulação sobre a existência ou não de dialetos crioulos no Brasil. Essa hipótese era explicada pelas características de origem crioula encontradas na fala de habitantes mais idosos de algumas comunidades brasileiras, dentre elas Helvécia e Cafundó. Os estudos realizados mostraram que existem sim características que podem ser atribuídas a dialetos africanos, mas a falta de dados faz com que não seja possível afirmar com certeza se, realmente, esses dialetos foram crioulos.

O que pode ser afirmado, através dos dados analisados, é que o povo africano participou da construção da identidade brasileira e que essa participação não foi passiva, pelo contrário, assim como afirma Sílvio Elía (2003) o povo africano desempenhou um importante papel na formação cultural brasileira e atuaram como seres ativos e modificadores da sociedade que encontraram.

A partir dessa afirmação, a influência africana foi abordada aqui como força atuante e de grande importância na formação do Português do Brasil, é fato que algumas características podem ser encaradas como desenvolvimento natural da língua. Ainda assim, não se pode descartar o arcabouço cultural de um povo ou reduzir sua participação na formação da cultura brasileira.

Indígenas tiveram uma importante participação na construção do Português Brasileiro porque tiveram o primeiro contato com o colonizador luso e foram os primeiros colonizados nesse território, mas a partir do momento em que o povo africano chegou ao Brasil, outra força surgiu para cooperar com a formação desse Português. Sendo assim, a África não foi vista aqui como um simples fornecedor de

escravos do período colonial, mas sim como berço de um povo que ajudou a construir não só um idioma, mas a identidade do povo brasileiro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: companhia das Letras, 2000.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. *Africanismos no português dos Brasil*. In Rev. de Letras - Vol. 30 - 1/4 - jan. 2010/dez. 2011.

ASSIS, Maria Cristina de. *A história da língua portuguesa*. Editora Universitária UFPB, 2011. Disponível em <http://portal.virtual.ufpb.br/bibliotecavirtual/files/historia_da_langua_portuguesa_1360184313.pdf> Acesso em 04 abr. 2015.

BONVINI, Emílio. *Palavras de origem africana no português do Brasil: do empréstimo à integração*. In: NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. (Orgs.). *História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro*. São Paulo: Humanitas, FFLCH, USP; Pontes, 2002, p. 147-162.

CASTRO Yeda Pessoa de. *Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/ Topbooks editora e distribuidora de Livros Ltda. 2ª ed. 2009.

_____. *Das línguas africanas ao português brasileiro*. In: Afro-Ásia 14: 81-101. Salvador: UFBA, 1983.

CONRAD, Robert. *Tumbeiros: o tráfico escravista para o Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ELIA, Sílvio. *Os Fundamentos Histórico-Linguísticos no Português do Brasil*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

FERREIRA, Carlota. *Remanescentes de um falar crioulo brasileiro*. In *Diversidade do português do Brasil- estudos de dialetologia rural e outros*. Salvador: Centro editorial e didático da UFBA, 1994, p 21-32.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. Editora Record, 1998. p 152-153

HOUAISS, Antônio. *O português no Brasil: pequena enciclopédia da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: UNIBRADE, 1985.

LINS, Alex Batista. *Três hipóteses e alguns caminhos para melhor compreender o processo constitutivo do português brasileiro*. In OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 329 p. ISBN 978-85-232-0602-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. *O português Afro-brasileiro*. Salvador: EDUFBA, 2009.

MENDONÇA, Renato. *A influência Africana no português do Brasil*. Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília 2012, 2ª ed.

NEVES, Maria Helena de. (Orgs.). *Gramática do português falado*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; Campinas, Editora da Unicamp, 1999.

PETTER, M. M. T. *A linguagem do Cafundó: crioulo ou anticrioulo?*. In: Klaus Zimmermann. (Org.). *Lenguas criollas de base lexical espanhola y portuguesa*. Vervuert: Iberoamericana, 1999, v. 1, p. 101-118.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das letras, 2006, 2ª ed. p. 102.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *Caminhos da linguística histórica: ouvir o inaudível*. São Paulo: Parábola editorial, 2008, p. 11-26.

___ *Fatores sócio-históricos condicionantes na formação do português brasileiro: em questão o propalado conservadorismo da língua portuguesa no Brasil*. Disponível em: <<http://www.prohpor.ufba.br/propalado.html>> Acesso em: 15 abr. 2015.

___ *Português brasileiro: raízes e trajetórias*. In: *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola editorial, 2004. p 11-28.

___ *Teorias da mudança linguística e a sua relação com a(s) história(s) da(s) língua(s)*. *Revista de estudos linguísticos da Universidade do Porto*- vol. 3, 2008. p. 40-52.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão XIV-1633*. *Sermões*. Vol. V Erechim: EDELBRA, 1999.

Sites visitados

África e africanos no tráfico do Atlântico:

http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil_cap02.pdf

Acesso em 23 nov. 2014.